

## PENSANDO COM A IMAGEM

### Imagem âlma: um convite à polissemia

*Alexandra Garcia*



Um fragmento dessa imagem, que compõe um acervo do oriente romantizado trazido por Delacroix em suas obras, serve como ilustração para a capa do livro de Said (1990) que aborda, dentro do tema sobre o Orientalismo ocidental moderno, a essência platônica de um conhecimento sobre o outro como aporte para sua dominação. A mesma imagem pode permitir divagarmos sobre o que vemos/sentimos e que conhecemos ou julgamos conhecer. O que está acontecendo? Por que as mulheres estão sendo mortas? Conseguiríamos compreender os contextos culturais do outro dentro dos nossos conceitos de "civilidade"?

A polissemia da imagem permite fugir às correntes da indução a acordos naturalizados (MACEDO, 2003) fazendo-se ouvir e sentir, principalmente, diante de dois elementos desencadeadores do movimento que possibilitam sua utilização como fonte de pesquisa e como parte do texto, na medida em que me permite acessar e comunicar os burburinhos do cotidiano sem selar a possibilidade de que outros diálogos, acessos e compreensões sejam estabelecidos por quem as lê. As imagens tornam-se vivas, partícipes âlmas do texto, permitindo trazer sentidos atribuídos pelo autor e deixando margens para o que mais se possa pensar com elas. Ela confere, ainda, possibilidade de acesso aos indícios pormenorizados do cotidiano, seja pelo que enquadra ou pelo que deixa de fora.

A utilização de imagens, do cotidiano e outras, ao incorporar as contribuições de Etienne Samain (1997) no acesso às múltiplas realidades, permite produzir interlocuções também múltiplas, contribuindo para a captação dos indícios pormenorizados do

cotidiano, muitas vezes invisíveis à observação direta das práticas, preconizada em nossos estudos.

Atuando como reticências, com ou sem a permissão de quem as utiliza, as imagens oferecem uma compreensão das tramas das culturas ordinárias (CERTEAU, 1994) na produção de sentidos e valores. Aparecendo como provocações, alusões, ilusões ou inspirações ao texto sua participação recorre à integração das sensações não descritíveis, por isso não incorporadas à produção e comunicação do conhecimento pelo pensamento moderno, por não se enquadrarem na categoria da racionalidade, como as emoções que emergem ao vermos uma fotografia ou outras reproduções imagéticas. No mesmo sentido, o uso de imagens também pode funcionar “puxando” fios da memória, e com isso de cada rede, nas interlocuções com o texto escrito.

O convite que a experiência deixa é de não nos contentarmos apenas vendo as imagens como constatação argumentativa/ilustrativa, mas viajando nelas com o texto e para além do texto. Consideremo-las como proposição interpelativa oferecida pelas emoções, identificações e lembranças que elas podem nos trazer – sobre as escolas, sobre as relações sociais, sobre nossas experiências e sobre o que mais convier por sua polissemia – criando sentidos para o que foi dito e o que não foi dito nem pensado pelo texto já que *o suporte imagético não funciona da mesma maneira que o suporte verbal. Cada um põe em obra operações cognitivas e afetivas singulares* (SAMAIN, 1997: 28).

## REFERÊNCIAS

- SAID, E. *Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- MACEDO, E. *A ciência dos livros didáticos: Vendo imagens*. Rio de Janeiro. II Seminário Internacional Redes de Conhecimentos e a Tecnologia: imagem e cidadania, 2003.
- SAMAIN, Etienne. O que vem a ser portanto um olhar? (Prefácio) *In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia. Um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca/Tomo Editorial, 1997, p. XVII-XXI.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

## sobre o(a) autor(a):

Doutoranda UERJ e professora da UNIGRANRIO